

APRESENTAÇÃO

Personagem, a essência da narrativa

Mais de três décadas dedicadas ao ensino na Escrita Criativa na PUCRS me levaram a consolidar uma ideia: os estudantes têm certa dificuldade em entender que a personagem é o verdadeiro motor da narrativa. Muitos chegam pensando que uma “boa história” – ainda não atinei o que isso significa – é suficiente para despertar o interesse do leitor. Arrastado pela história, ele irá compor a personagem que viverá todas as peripécias.

Não digo que trabalhar dessa forma é uma decisão catastrófica. É possível, até, que a narrativa seja satisfatória ao final, mas de certeza significou reescrituras, retoques, desânimos, idas e vindas, e o resultado pode ser considerado um milagre.

Por essas razões, o primeiro item das minhas aulas é dedicado à personagem. Meu alunos criam, cada qual, uma personagem com a qual irão viver por um semestre. Queixam-se, às vezes, que é muito tempo para dedicar “apenas” a uma personagem, mas procuro neutralizar o argumento com uma pergunta: “E então, já pensaram na situação do romancista, que vive vários anos com uma única personagem?” Isso, em geral, é suficiente para que mudem um pouco o que pensam acerca da minha proposta estratégica.

A partir da criação da personagem, eles a submetem a uma série de pequenas histórias ficcionais, para que verifiquem, por si mesmos, da consistência de sua criação. Só depois, no segundo semestre, é que eu parto para a elaboração de contos ou, conforme o caso, novelas e romances. Este é o momento em que os alunos têm o insight decisivo: é a personagem consistente que faz *surgir* a história. É como se soubessem sempre disso de maneira intuitiva, mas que não resultava em produções que lhes satisfizessem por completo.

O seguinte passo é constatar que é possível escrever um romance “sem história”, em que a personagem é suficiente para levá-la adiante. Quando começamos a pensar em exemplos, um que surge com frequência é o *Memórias póstumas de Brás Cubas*; de fato, quando tentamos identificar os episódios que compõem o enredo dessa obra magistral de Machado de Assis, tudo falha. Os acontecimentos são tão ralos que temos de prestar muita

atenção se quisermos reter algo na memória. O próprio Machado, no prólogo da terceira edição, refere a uma nota crítica publicada por Capistrano de Abreu, o qual perguntava: “As Memórias póstumas de Brás Cubas são um romance?” Brás, ele mesmo, é quem diz: *um solteirão que expira aos sessenta e quatro anos não parece que reúna em si todos os elementos de uma tragédia*. Nem tragédia, nem comédia. Nascido na elite social, faz viagens de estudos na Europa, nunca se casa, mantém alguns tolos relacionamentos sentimentais, dedica-se sem paixão à vida política e termina envolvido com a criação falhada do Emplasto Brás Cubas, panaceia destinada a curar a Humanidade. Até sua morte é patética: morre de uma banal pneumonia ao ficar exposto à chuva. Se pedirmos a um leitor de Machado para que descreva a história desse romance, poucos se lembrarão de todos os eventos, permanecendo nas grandes linhas biográficas de Brás Cubas. Mas ninguém esquece sua personalidade, nem a ironia e desencanto que existem nas suas célebres frases: *Marcela amou-me durante quinze meses e onze contos de réis* e, ao final, *não tive filhos, não transmiti a nenhuma criatura o legado de nossa miséria*.

A mesma lógica pode ser aplicada a outros romances, como *Um coração singelo*, de Flaubert, ou mesmo *Crime e castigo*, de Dostoiévski. Quanto a este último: toda a ação, toda “história” está subsumida pela mente do jovem Raskolnikóv, roída pelo remorso e pelo pavor de ser descoberto pelo duplo assassinato que cometeu. Se pensarmos bem, não há, nessa obra, grandes episódios – grandes ações – que cheguem a nos impressionar. É de Raskolnikóv de quem nos lembramos, e não de suas centenas de pequenas ações em meio a dezenas de personagens que não chegam a nos impressionar tanto quanto o protagonista.

A lista dos romances que trazem no título o nome de seus personagens centrais encheria todas as páginas deste livro: *Tom Jones*, *Quincas Borba*, *Iracema*, *Clarissa*, *O avaro*, *Sargento Getúlio*, *Madame Bovary*, *Gabriela*, *cravo e canela*, *O grande Gatsby*, *Tonio Kröger*, *Os irmãos Karamazóv*, *Macunaíma* – e assim por diante. Em *Os sofrimentos do jovem Werther*, Goethe vai mais longe,

não apenas ao anunciar que o herói se chama Werther, mas também que a história gira em torno de seus sofrimentos. Tudo isso significa alguma coisa, não é mesmo?

Se você leu um ótimo romance há dez anos, logo recordará, com força e vivacidade, do personagem central e do drama por ele vivido, mas irá amaldiçoar sua própria memória, que não consegue lembrar-se com agilidade dos eventos. Deixe a memória em paz e agradeça-lhe, porque ela gravou o que de fato interessa. Por outro lado, tenho certeza de que você começou a ler vários romances que abandonou depois de vinte páginas, e uma das causas deve ser a desconfiança. “Não acredito em nada disso que estou lendo, nada faz sentido”. Mas alto lá. Não é do romance que você duvida, é do personagem que não convence.

É o personagem, quando bem construído, que *dá sentido* a tudo que acontece na história. O que pretendo dizer com isso? A narrativa deve convencer o leitor de que tudo o que ali está é porque o personagem, *pelo simples fato de existir, faz com que as coisas aconteçam*. Não, o personagem não tem poderes mágicos ou de super-heróis. No entanto, é como se ele atraísse os acontecimentos narrados. Ou seja, os eventos de uma história estão enraizados no personagem, inclusive os fatos incontornáveis, como um raio que destrói uma casa ou a morte de um potentado na China, para pegarmos

a ideia de Eça de Queirós na novela *O mandarim*. Soa estranho, não? Mais parece um ensinamento esotérico. Mas não é.

Avançando para os dias de hoje, percebo que os jovens ficcionistas – muitos deles meus ex-alunos¹, por isso os conheço bem – preferem incidir na personagem toda sua atenção, fazendo depender dela o boa realização de suas novelas. E o fazem com êxito reconhecido pelo público, pela crítica, pelos prêmios e suas publicações no Exterior: sinal de que estão certos na escolha desse modo de encarar suas narrativas.

Este número tem a intenção de servir de discussão de diversos aspectos que envolvem a personagem, mas não apenas sob a visada crítico-teórica, mas também privilegia a criação, o que explica uma parte que abre espaço para textos ficcionais. É possível que esta seja uma das primeiras obras que tenham esse duplo caráter: o de pensar sobre um item da narrativa de ficção e, ao mesmo tempo, trazer textos criativos que servirão de exemplo e comprovação do momento reflexivo.

Como toda obra coletiva, quem fará a seleção é o leitor.

Por isso, você está com a palavra.

Os Organizadores

¹ Amílcar Bettega, Carol Bensimon, Cíntia Moscovich, Daniel Galera, Luisa Geisler, Michel Laub, Paulo Scott, dentre outros de igual competência.